

## Description Record

### PT/PR/AHPR/GB/GB0102/2362

<b>Description level</b>	P
<b>Reference code</b>	PT/PR/AHPR/GB/GB0102/2362
<b>Title type</b>	Atribuído
<b>Title</b>	Reconhecimento do MPLA (como movimento único em Angola)
<b>Date range</b>	1976-02-02 - 1976-03-09
<b>Dimension and support</b>	1 maço numa caixa
<b>Holding entity</b>	Presidência da República
<b>Scope and content</b>	Conjunto de telegramas e cartas de várias entidades e particulares de incentivo e apoio (e algumas de repúdio) à decisão do Governo no sentido do reconhecimento da independência de Angola, da República Popular de Angola, do seu Presidente Agostinho Neto e do MPLA.
<b>Physical quota</b>	GB.2362
<b>Deposit quota</b>	2362
<b>Notes</b>	<p>Na sequência do derrube da ditadura em Portugal em 25 de abril de 1974, abrem-se perspectivas imediatas para a independência de Angola. O Governo português negocia com os três principais movimentos de libertação (MPLA- Movimento Popular de Libertação de Angola, FNLA - Frente Nacional de Libertação de Angola e UNITA - União Nacional para a Independência Total de Angola) o período de transição e o processo de implantação de um regime democrático em Angola pelos Acordos de Alvor em janeiro de 1975. Porém, a independência de Angola não foi o início da paz, mas o início de uma nova guerra aberta: muito antes do dia da Independência, a 11 de novembro de 1975, já os três grupos nacionalistas que tinham combatido o colonialismo português lutavam entre si pelo controle do país, e em particular da capital, Luanda. Cada um deles era, num contexto de "Guerra Fria" e de zonas de influência dos 2 blocos opostos, apoiado por potências estrangeiras, dando ao conflito uma dimensão internacional. A União Soviética e Cuba (que desembarca as suas primeiras tropas em 5 de outubro de 1975) apoiavam o MPLA, que controlava a cidade de Luanda e pouco mais; a África do Sul que apoiava a UNITA, invade Angola em 9 de agosto de 1975; o Zaire, apoiante da FNLA, invade também o país, em julho de 1975. Os EUA que apoiaram inicialmente apenas a FNLA, não tardam a ajudar também a UNITA.</p> <p>Em Outubro de 1975, o transporte aéreo de quantidades enormes de armas e soldados cubanos, organizado pelos soviéticos, mudou a situação, favorecendo o MPLA. As tropas sul-africanas e zaienses retiraram-se, e o MPLA conseguiu formar um governo socialista uni-partidário.</p> <p>O Brasil é pioneiro no estabelecer de relações diplomáticas com a nova República que se instala - a decisão de reconhecer como legítimo o governo de Agostinho Neto foi tomada pelo Presidente Geisel, ainda em 6 de novembro de 1975, antes da data oficial de Independência de Angola -, antecipando-se mesmo a qualquer país do bloco comunista, mas nenhum país ocidental ou mesmo africano segue seu exemplo.</p> <p>Portugal reconhece a República Popular de Angola em fevereiro de 1976 mas, em consequência do caos em que Angola se havia tornado, cerca de 300 mil portugueses abandonam o novo país entre 1974 e 1976, agravando de forma dramática a situação económica.</p> <p>As Nações Unidas reconhecem o governo do MPLA como legítimo representante de Angola, o que não foi seguido nem pelos EUA, nem pela África do Sul e foi nesta conjuntura que a diplomacia angolana teve que batalhar para conseguir o reconhecimento do país como membro plenipotenciário das Nações Unidas, ocorrido no dia 1 de Dezembro de 1976, durante a 31.ª sessão da Assembleia Geral da ONU, com a abstenção dos Estados Unidos da América. Ainda em março de 1976, durante a 26.ª sessão do Conselho de Ministros da OUA, a maioria dos Estados membros aprovam uma resolução que exige a retirada imediata e incondicional das forças invasoras do território angolano. De igual modo, o novo país é confrontado, inicialmente, com a indecisão de alguns países ocidentais em reconhecer a independência de Angola.</p> <p>Mas se até fevereiro de 1976 apenas um total de 25 países tinha reconhecido a independência de Angola, no final de 1977 quase todos os Estados do continente africano tomaram a mesma atitude.</p> <p>O Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA) que tem governado Angola desde a independência tem as suas raízes no movimento pela independência de Angola, que se desenvolve na clandestinidade em Luanda na década de 1950 e entre estudantes angolanos que estudavam em Lisboa, a partir dos anos 60. Há quem afirme que Ilídio Machado, Viriato da Cruz, Matias Migueis, Higinio Aires e André Franco de Sousa formaram o MPLA a partir de grupos pré-existentes (de que se destacam o Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola e o Partido Comunista de Angola) em Dezembro de 1956. Mas outros questionam se é possível afirmar-se que o MPLA teria verdadeiramente existido enquanto tal antes de 1960.</p> <p>O MPLA começa verdadeiramente a desenvolver a sua atividade depois da irrupção de violência a partir de Fevereiro de 1961, quando uma prisão de Luanda em que estavam detidos prisioneiros políticos foi atacada. O MPLA reivindicou depois ter estado envolvido na preparação do ataque, embora seja hoje considerado mais provável que o ataque tenha sido executado por elementos estranhos ao movimento. Em 1962, o MPLA estabelece a sua primeira sede no exílio na cidade de Leopoldville no Zaire (hoje Kinshasa na RDC). No mesmo ano, Viriato da Cruz é substituído como Secretário-Geral por Mário Pinto de</p>

Andrade, que cede a presidência a Agostinho Neto, que tinha já estabelecidas credenciais nacionalistas e populistas - ajudado pelo facto de ser negro e não mestiço. Em meados de 1963, Viriato da Cruz, tendo liderado uma dissidência do MPLA e aderido à Frente Nacional para a Libertação de Angola (FNLA) provocou confrontos entre os partidários de ambas os movimentos nas ruas de Leopoldville. Estas tensões contribuíram para o facto da Organização de Unidade Africana (OAU) reconhecer em 1963 o auto-denominado Governo Revolucionário no Exílio (GRAE) do líder da FNLA, Holden Roberto, como o único representante legítimo do movimento independentista angolano, o que resultou na expulsão do MPLA de Leopoldville. Usando, a partir dessa altura, Brazzaville (Congo) como base, o MPLA foi-se ré-organizando gradualmente. Em 1964, a OUA reconhece o MPLA como movimento legítimo e gradualmente suspende o seu apoio ao GRAE. É também ao longo da década de 60 que o apoio cubano e soviético ao MPLA se desenvolve.

Os problemas internos do MPLA ressurgiram em 1973-74: a chamada Revolta do Leste, liderada pelo comandante Daniel Chipenda, desafia sem sucesso a liderança de Agostinho Neto, resultando na adesão de Chipenda e das suas forças ao FNLA. No ano seguinte o movimento da "Revolta Activa" empreende uma crítica política à liderança de Agostinho Neto, numa tentativa não violenta de Mário de Andrade e outros intelectuais para mudarem o rumo do movimento: muitos dos seus protagonistas foram encarcerados ou exilados até à amnistia em 1978.

Com o conflito com Portugal a passar para segundo plano depois da revolução portuguesa em 1974, o MPLA assinou os Acordos tripartidos de Alvor em Janeiro de 1975 mas as tensões entre os diferentes movimentos de libertação exacerbaram-se logo em seguida; apesar de não conseguir controlar todo o território, com o apoio cubano e soviético, o MPLA conseguiu o controlo da capital à data da independência. Em 1976, a OUA e a ONU reconheceram o MPLA como o governo legítimo de Angola.

#### Technical notes

Apesar de estarem, de origem, organizados (divididos) por 3 pastas distintas, tratando-se do mesmo tema, a documentação foi incorporada num mesmo processo ao nível do Arquivo Histórico.